

RESGATE, AVALIAÇÃO CLÍNICA VETERINÁRIA E SOLTURA DE UM ESPÉCIME DE *LEOPARDUS WIEDII* (SCHINZ, 1821) – RELATO DE CASO

**CAMILA BORGHETTI¹; THASSIANE TARGINO DA SILVA²; PAULO QUADROS
DE MENEZES³; UILA SILVEIRA DE MEDEIROS⁴; VALÉRIA DEFAVARI
MORETTI⁵; PAULO MOTA BANDARRA⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas – cami.borghetti@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thassiane.vet@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pauloquadros.vet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – uilamedeiros@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – vamoretti@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – bandarra.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Leopardus wiedii (gato-maracajá), pertencente à Ordem Carnívora, Família Felidae e Gênero *Leopardus*, é uma espécie que habita ambientes florestais em todo território brasileiro, com exceção do nordeste do país; também encontrado em algumas regiões do México e do Uruguai. No Rio Grande do Sul, ocorre em praticamente todas as regiões fitogeográficas, mas em ambientes abertos, como nos Campos de Cima da Serra e no Pampa, encontra-se em áreas de maior cobertura vegetal, como matas ciliares ou de galeria (TRIGO *et al.*, 2013). Escalador e saltador ágil, possui hábitos solitários e predominantemente arborícolas, com coloração da pelagem variando entre amarelo-acinzentado e castanho-ocráceo de múltiplos tons, grandes pintas sólidas e faixas longitudinais, sendo o padrão de manchas, variável (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Majoritariamente de hábito noturno crepuscular, pode chegar a 3,5kg quando adulto, sua dieta é composta por pequenos mamíferos, aves, répteis, anfíbios, insetos e frutas. Em geral, esta espécie apresenta olhos bem grandes e protuberantes, cauda proporcionalmente maior que a maioria dos outros felídeos selvagens, ossos metatarsais flexíveis, o que permite uma rotação de 180° de seus membros, auxiliando no seu equilíbrio para subir, saltar e escalar troncos e árvores. Ocorre o nascimento de um filhote por prenhez, sendo o filhote semelhante aos adultos em coloração. Por volta da oitava semana de vida, passam a se alimentar de sólidos, atingem a maturidade sexual aos dois anos e podem viver por até 20 anos em cativeiro (SIGRIST, 2012).

Ações antrópicas, como destruição dos habitats naturais para exploração de madeira e mineração, caça ilegal, extração e comércio de peles, atropelamentos e fragmentação dos biomas são alguns dos principais riscos às populações destes felinos no Brasil (OLIVEIRA, 2011). Segundo a Lista de Espécies Ameaçadas da IUCN (OLIVEIRA *et al.*, 2015), essa espécie está classificada como quase ameaçada de extinção. Tornando-se importante o trabalho dos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) no recebimento e reabilitação destes espécimes.

O objetivo do trabalho foi relatar o resgate, avaliação clínica veterinária e retorno ao meio-ambiente de um espécime de gato-maracajá (*Leopardus wiedii*) encontrado no centro da cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Um espécime de gato-maracajá, adulto, macho, foi encontrado por moradores da área central de Pelotas, Rio Grande do Sul, refugiando-se no depósito de sua residência. A Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM) e a equipe do Núcleo

de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS-CETAS/UFPel) foram acionados para realizar o resgate do animal que encontrava-se em área urbana. Após análise do espaço no qual o animal localizava-se, foi constatado que devido ao difícil acesso, seria necessário o uso de métodos de contenção química à distância, por meio de dardos anestésicos, cujos fármacos utilizados foram Cetamina (5mg/Kg), Midazolam (0,3mg/Kg) e Metadona (0,3mg/Kg), todos por via intramuscular. Após tranquilizado, o animal foi contido fisicamente com auxílio de puçá e luvas de raspa de couro, transferido para uma caixa de transporte e encaminhado ao NURFS.

Após sua chegada, o animal foi imobilizado sob sedação inalatória com Isoflurano (indução 3% e manutenção 1%) para avaliação clínica veterinária, sendo seus parâmetros fisiológicos vitais monitorados durante todo procedimento.

O paciente foi submetido a exame físico detalhado, a fim de evidenciar toda e qualquer alteração que pudesse refletir na sua reabilitação e posterior soltura. Por fim, foi realizada coleta de sangue da veia cefálica para análise hematológica, cujos resultados poderiam inferir sobre a saúde do animal.

Após 48 horas de observação, repouso, alimentação e hidratação adequados, o animal foi transportado para o local de soltura previamente escolhido de acordo com sua distribuição de origem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao exame físico, o animal apresentava aproximadamente 3kg, escore corporal, coloração de pelagem e mucosas, peso e hidratação condizentes com dados citados na literatura. Foram observadas fissuras já cicatrizadas nas extremidades da orelha direita, desgaste excessivo de dentes incisivos superiores, caninos amarelados e exposição de polpa dentária do canino superior esquerdo. A coleta de sangue para exames hematológicos foi realizada pela veia cefálica do membro anterior direito, revelando resultados concordantes com parâmetros fisiológicos já estabelecidos (ADANIA *et al.*, 2014). Em geral, os felídeos neotropicais possuem dentes incisivos não especializados, caninos compridos, pré-molares e molares adaptados para apreensão e dilaceração de suas presas. A fórmula dentária varia de 28 a 30 dentes, distribuídos entre I3/3, C1/1, P2 – 3/2 e M1/1. Um método de avaliação de estimativa de idade desses animais é através da coloração e desgaste da dentição, com jovens apresentando dentes mais esbranquiçados enquanto adultos e senis apresentam dentição amarelada, gasta e com tendência a diminuição do número total de dentes, mas sempre com a predominância dos caninos (ADANIA *et al.*, 2014).

A análise da saúde dos animais recebidos nos CETAS é fundamental para o correto planejamento do manejo e soltura, além de assumir um papel como bioindicador ambiental. No trabalho em questão, a avaliação clínica minuciosa deste animal torna-se importante, pois reflete o impacto do ambiente urbano sobre sua saúde. O protocolo anestésico utilizado para contenção química a distância no resgate, bem como o a sedação para avaliação clínica veterinária, seguiram as recomendações de ADANIA *et al.* (2014), com resposta satisfatória.

No Estado do Rio Grande do Sul, o gato-maracajá habita áreas com maior adensamento vegetal, como galerias ou matas ciliares. É predominantemente arborícola, justificado pela presença de adaptações anatômicas que favorecerem seu deslocamento entre árvores e coberturas vegetais (TRIGO *et al.*, 2013). No entanto, o espécime foi resgatado em área urbana, distante de fragmentos florestais, abrigando-se no interior de uma residência protegida por muros e cercas elétricas, em depósito de difícil acesso, impossibilitando contenção física, apenas. Foi então realizada sedação leve no animal, permitindo captura manual com auxílio

de puçá e luvas de couro de raspa. Embora sua ocorrência já tenha sido relatada ocasionalmente fora de áreas florestais (OLIVEIRA, 2011), a aparição deste animal em meio urbano, sem aparente conexão direta com área verde, sugere forte pressão antrópica sobre seu habitat natural. A diminuição e fragmentação de habitats causadas pela conversão de ambientes florestais nativos para a agricultura, pecuária e desenvolvimento de infraestrutura, associados a presença de abrigos naturais ou artificiais gerados pelas edificações urbanas, bem como a disponibilidade de alimentos em grandes centros, acabam por atrair animais silvestres evadidos de ambientes em decadência (VILELA *et al.*, 2016).

Outra importante ameaça para esta espécie é a caça predatória, seja para o comércio ilegal de pele e mercado pet, caça esportiva, acidental ou de retaliação, sobretudo em zona rural, onde pode ocorrer predação de animais de produção por felídeos silvestres (OLIVEIRA *et al.*, 2015). Devido a falta de informações sobre o que levou o animal a este ambiente tão modificado, sem conexão com ambiente florestal, foram levantadas hipóteses que justifiquem essa mobilidade incomum. Neste sentido, o tráfico facilitaria o ingresso de animais desta espécie em ambiente urbano, especialmente por apresentarem aparência semelhante ao gato doméstico, sendo equivocadamente criados como pet. Contudo, ao aproximar-se da maturidade sexual, entre 2 e 3 anos, desenvolvem comportamento agressivo natural motivando o abandono descomedido fora de sua área de ocorrência (ADANIA *et al.*, 2014). É sabido que existe a possibilidade de interação entre trabalhadores e animais silvestres durante a extração e o transporte de matéria prima, sobretudo, tratando-se de extração madeireira, uma vez que árvores servem de abrigo para diversas espécies nativas. Conforme relatado por MARONEZE *et al.* (2017), inserções accidentais de animais silvestres em ambiente urbano podem ocorrer também por transporte de carregamento de madeira, sendo mais um impacto gerado pela ação antrópica.

O retorno do espécime ao meio-ambiente foi realizado 48 horas após resgate, período para observação clínica do animal e análise dos resultados dos exames solicitados. Para escolha do local mais adequado, foram levados em consideração a ocorrência natural da espécie na região, a disponibilidade de alimento e abrigo, o afastamento de grandes centros urbanos e o estresse causado pela dispensável manutenção do indivíduo em cativeiro. Segundo DUARTE (2014), animais silvestres retirados recentemente da natureza deveriam retornar o mais rápido possível ao seu ponto de captura, pois quanto menor este tempo, menor a preocupação na avaliação da soltura.

Sob diversos aspectos, a fragmentação de habitats é capaz de impactar a fauna nativa. O isolamento de populações, por exemplo, pode levar a diminuição de sua variabilidade genética, contribuindo para sua extinção. Não obstante, entender o perfil populacional dos animais da área estudada previne a introdução accidental de alelos exóticos, evitando, assim, o cruzamento de linhagens distintas que, embora idênticas morfologicamente, possuem complementos cromossômicos diferentes, e esse cruzamento pode levar ao nascimento de híbridos estéreis (DUARTE, 2014). Dessa maneira, a translocação indiscriminada, intencional ou acidental, pode culminar no decrecimento populacional das espécies envolvidas.

4. CONCLUSÕES

Circunstâncias como a degradação dos biomas, em especial pela expansão urbana, interferem no desenvolvimento e na perpetuação das espécies, levando muitas à extinção. O status de conservação do gato-maracajá na natureza encontra-se como quase ameaçado, gerando um alerta sobre a espécie e sua

devida preservação. Deste modo, a educação ambiental e a conscientização da população, aliadas a pesquisa científica sobre a preservação e importância da vida silvestre, são fundamentais para a conservação da fauna nativa.

O registro dos dados clínicos e a coleta de material biológico, oriundos de intervenções desta natureza, em espécies que raramente são manejadas na clínica veterinária tornam-se importantes para que, ao longo do tempo, sirvam de subsídio para a ampliação do conhecimento científico sobre estas. Instituições capacitadas para realização de resgate de animais silvestres que entram em conflito em centros urbanos possuem papel fundamental no recebimento, reabilitação e destinação correta destes animais, sobretudo se tratando de animais em risco de extinção, mitigando, dessa forma, a defaunação do bioma local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADANIA, C. H.; SILVA, J. C. R.; FELIPPE, P. A. N. Carnivora – Felidae (Onça, Suçuarana, Jaguatirica e Gato-do-mato), In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. Tratado de Animais Selvagens, 2ºed, São Paulo: ROCA, 2014, p.779-818.

DUARTE, J. M. B. Implicações Genéticas, Ecológicas e Sanitárias nos Processos de Movimentação de Fauna. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. Tratado de Animais Selvagens, 2ºed, São Paulo: ROCA, 2014, p.2339-2349.

MARONEZE, B. P.; SANCHES, M. C.; MENDES, C. B. M.; MORETTI, V. D.; MENEZES, P. Q.; VIVES, P. S. Amputação parcial de cauda em Tamanduá-mirim após lesão necrótica: Relato de Caso. XIX Encontro de Pós-Graduação (ENPOS), Pelotas, 2017.

OLIVEIRA, T. G.; ALMEIDA, L. B.; TORTATO, M. A.; BEISIEGEL, B. M. Avaliação do risco de extinção do Gato-maracajá *Leopardus wiedii* (Schinz, 1821) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 3(1), p.76-83, 2013.

OLIVEIRA, T. G. Ecologia e conservação de pequenos felinos no Brasil e suas implicações para o manejo. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011, 204p.

OLIVEIRA, T.; PAVIOLLO, A.; SCHIPPER, J.; BIANCHI, R.; PAYAN, E.; CARVAJAL, S. V. “*Leopardus wiedii*. The IUCN Red List of Threatened Species”. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T11511A50654216.en>>. Acesso em: 22/08/2018.

SIGRIST, T. Mamíferos do Brasil uma visão artística, 1ºed, São Paulo: Avisbrasilis, 2012, p.38-77.

TRIGO, T. C.; RODRIGUES, M. L. F.; KASPER, C. B. Carnívoros Continentais, In: WEBER, M. M.; ROMAN, C.; CÁCERES, N. C. Mamíferos do Rio Grande do Sul. Ed. UFSM, Santa Maria, 2013, p.343-404.

VILELA, D. A. R.; BARRETO, C.; OLIVEIRA, D. M. P. Principais ameaças e medidas de salvaguarda aos animais silvestres. In: MPMG Jurídico: Revista do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2016, p.18-25.